

# Processos de conclusão do texto argumentativo

(Process of conclusion of the argumentative essay)

**Cristina Lopomo Defendi<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), *campus* São Paulo  
crislopomo@hotmail.com

**Abstract:** This study investigates the linguistic construction used to mark the conclusion of an argumentative essay and analyzes, from the Grammaticalization and Cognition perspectives, the most frequent construction: therefore. To that end, we used a corpus comprising 500 essays from Fuvest (University Foundation for Admissions Tests – USP), produced in the years 2007 to 2011, as well as controlled material. Theoretically this research is based on studies on Cognition (TOMASELLO, 2003), Grammaticalization (BYBEE, 2010; TRAUGOTT, 2010) and Text (KOCH, 2002; HALLIDAY; HASAN, 1976). We have managed to validate the idea that the use of certain constructions in unexpected contexts provides a new meaning that turns to isolated contexts of use after a phase of ambiguous interpretive possibilities. One can also say that, cognitively speaking, the use of a strategy of textual conclusion reveals intentionality and joint attention from the writer to the reader.

**Keywords:** Grammaticalization; Conclusive marker; Cognition.

**Resumo:** Neste artigo, investigam-se as construções linguísticas usadas para marcar a conclusão de textos de base dissertativo-argumentativa no português brasileiro. Dá-se ênfase à construção mais frequente: portanto. A amostra é composta por 500 redações de vestibular da Fuvest (Fundação Universitária para o Vestibular – USP), produzidas nos anos de 2007 a 2011. A análise segue princípios da Cognição (TOMASELLO, 2003), da Gramaticalização (BYBEE, 2010; TRAUGOTT, 2010) e das teorias do Texto (KOCH, 2002; HALLIDAY; HASAN, 1976). Como resultados, validamos a ideia de que o uso de determinadas construções em contextos não esperados propicia um novo significado que, após uma fase de possíveis ambiguidades de interpretações, passa a contextos isolados de uso. Também é possível afirmar que, cognitivamente, o uso de uma estratégia de conclusão textual revela intencionalidade e atenção conjunta do escrevente com seu leitor.

**Palavras-chave:** Gramaticalização; Marcador conclusivo; Cognição.

## A conclusão textual e a fundamentação teórica

A macroestrutura textual, ou seja, o texto como unidade básica de estudo, tornou-se objeto sistemático de investigação, no domínio linguístico, há pelo menos duas décadas. Variadas foram as abordagens, desde aquelas que consideraram seu processamento e construção até aquelas que se preocuparam com sua recepção e reconstrução. Halliday (1973), Halliday e Hasan (1976) e Bakhtin (1997) tornaram-se referências nessa área. No Brasil, Fávero e Koch (1998), Koch (2002), Fiorin (2006) e Marcuschi (2009) divulgaram tais autores. Assim, encontramos trabalhos que destacam o domínio imanente do texto: sua articulação, a progressão temática, os recursos de sinalização (dêixis); e/ou aqueles que investigam sua dimensão interativa: as práticas comunicativas e a reverberação de lugares discursivos e contextos. Soma-se a isso a preocupação com esse macro elemento linguístico e seu tratamento no contexto de ensino de língua.

Neste artigo, apresentamos uma pesquisa<sup>1</sup> relacionada tanto ao domínio imanente do texto quanto à dimensão interativa: a parte final de textos dissertativo-argumentativos,<sup>2</sup> tendo como objetivos descrever as construções linguísticas usadas para marcar a conclusão desse tipo de texto e analisar, pela perspectiva da Gramaticalização e da Cognição, a construção<sup>3</sup> mais frequente.

Tomamos como *corpus* de análise 500 (quinhentas) redações de vestibular da Fuvest (Fundação Universitária para o Vestibular – USP), avaliadas como as melhores (MRs) pela banca corretora. Consideramos esse texto como um processo de interação social e de avaliação, como forma de expressar um saber acumulado em anos de ensino formal e também uma fonte de inúmeras pesquisas.

Como referencial teórico, baseamo-nos principalmente em Tomasello (2003), Bybee (2010), Diewald (2006), Traugott (2010) e Traugott e Dasher (2005).

O aspecto correlacionado à intencionalidade e à atenção conjunta tem em Tomasello (2003) uma perspectiva cognitiva capaz de auxiliar a análise do fenômeno em questão. De acordo com as ideias desse pesquisador, podemos considerar que o vestibulando, com a intencionalidade de produzir seu melhor texto e em um momento de atenção conjunta a seu avaliador, pode fazer uso de marcas que remetam a partes textuais específicas e esperadas. Essa atitude, de orientação cultural e cognitiva, acaba por rotinizar algum tipo de processamento que, com o tempo, passa a ser incorporado. Nesse sentido, tem-se o que Tomasello (2003) denomina “metáfora da catraca”. O autor defende que, com as transmissões geracionais, algo sempre é preservado e, ao mesmo tempo, aprimorado até que surja outra modificação ou melhoria, sempre cumulativas. Tal princípio pode ser correlacionado ao processamento textual, uma vez que o escrevente demonstra a aprendizagem por imitação de uma marca conclusiva (o professor indica o uso, outros alunos usam, o vestibulando usa). Nesse caso, uma ou mais formas começam a ser utilizadas em determinados contextos, o que garante a manutenção desse emprego.

Outra noção, a de categorização, explorada por Bybee (2010), alia-se ao nosso objeto, uma vez que há necessidade de recrutar formas variadas para funcionar de maneira específica no texto. Em simultâneo, pode ocorrer a seleção de grupos informativos, condicionados pelo uso, que darão origem ao que a autora chama de *chunks*, ou seja, construções armazenadas na memória, que ocorrem com frequência na língua e são formadas por mais de uma palavra (em sincronia e às vezes em diacronia), com ocorrência no discurso ensaiado, quer oral, quer escrito. Já a noção de construção adotada neste artigo segue as definições e caracterizações defendidas por Diewald (2006), pois consideramos que,

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa faz parte da minha tese de doutorado intitulada “*Portanto, conclui-se que*”: processos de conclusão em textos argumentativos, defendida em 2013.

<sup>2</sup> Emprego o rótulo “texto dissertativo-argumentativo” ciente de dois fatos: (i) é uma nomenclatura didática; (ii) não condiz com a terminologia adotada pelos recentes estudos sobre gêneros discursivos. Porém, é referendada pelo Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), que assim o define: “O texto dissertativo-argumentativo é organizado na defesa de um ponto de vista sobre determinado assunto. É fundamentado com argumentos, para influenciar a opinião do leitor ou ouvinte, tentando convencê-lo de que a ideia defendida está correta. É preciso, portanto, expor e explicar ideias. Daí a sua dupla natureza: é argumentativo porque defende uma tese, uma opinião, e é dissertativo porque se utiliza de explicações para justificá-la.” (cf. ENEM, 2013, p. 13).

<sup>3</sup> Assim como Diewald (2006), assumo que todo item é uma construção.

nessa perspectiva, podemos lidar com um item sincrônico e nele reconhecer processos de intensa mudança diacrônica, o que licencia rotular uma palavra de *construção*.

Desse modo, à definição clássica de gramaticalização como sendo a mudança de um item lexical para item gramatical, ou de um item gramatical para um mais gramatical ainda, acrescenta-se a ideia de gramaticalização de construção, que implica, como na conceituação tradicional, aumento de frequência, alterações fonéticas e semânticas, culminada pela perda da noção de cada parte da construção. A despeito das mudanças ocorridas, traços (semânticos) relevantes permanecem na construção em uso e o contexto passa a ser parte da mudança e da compreensão de uso.

Ainda como fundamentação teórica, recorreremos aos conceitos de objetividade e (inter)subjetividade, tal como concebem Traugott e Dasher (2005). Esses conceitos são relevantes para a compreensão da articulação do texto em face das sinalizações que o escrevente deixa na dissertação como pistas para a leitura e compreensão de seu leitor. Aliado à orientação (via discurso escolar) de que esse é o texto objetivo por excelência, em que há até dicas para manter a objetividade (uso de 3ª pessoa para total impessoalidade, uso da voz passiva, entre outros), percebemos que a conclusão é o lugar em que se manifestam a intersubjetividade e também a subjetividade. Esses autores delimitam o estatuto da subjetividade e da intersubjetividade considerando a condição da comunicação linguística em termos do grau de consciência de si e do outro, além da mobilização de marcas estrategicamente sinalizadoras do próprio processo de interação.

Em relação às redações, é possível estabelecer paralelos entre as macrofunções propostas por Halliday e Hasan (1976) e os textos produzidos por vestibulandos. Da função ideacional, aparece o saber enciclopédico, o repertório de leituras e o conhecimento de grandes pensadores, manifestações comuns nas melhores redações. Da função interpessoal, vem o papel social desse texto na vida do aluno (possibilidade de ingresso em uma das melhores universidades públicas) e o caráter expressivo. Textualmente, isso se manifesta por meio das marcas linguísticas (no caso em estudo, pelo uso de marcadores conclusivos) e pelos recursos de linguagem empregados. Nesse caso, a redação é vista como o local em que se revela a inter-relação autor-leitor, com seu caráter social e histórico.

Também em Koch (2002), essas ideias têm ressonância, já que os sistemas de conhecimento, que concorrem para o processamento textual, encontram relação com o já explicitado anteriormente: o linguístico (com as escolhas lexicais e a organização gramatical, típicas em uma redação), o enciclopédico (conjunto de conhecimentos para desenvolver a proposta de redação) e o conhecimento interacional (nesse caso, modelo de bom texto dissertativo, do texto que é esperado em situação escolar e avaliativa; das formas de organizá-lo e de concluí-lo).

### **As questões de pesquisa e o encadeamento metodológico**

Considerando que a frequência de uso é importante para a gramaticalização (BYBEE, 2003), haveria alguma construção linguística preferencial para marcar a conclusão de um texto argumentativo? Essa foi a questão que primeiro nos moveu numa pesquisa maior (DEFENDI, 2013), na qual levantamos a seguinte hipótese: padrões de formalização textual, manifestados, em sua maioria, via ensino prescritivo (ou via modelo de

aprendizagem por imitação, segundo Tomasello (2003)), forçaria a criação de uma marca de uso mais frequente na finalização de um texto argumentativo. Nesse fenômeno, seria possível identificar a atuação, conjunta, de processos cognitivos e de gramaticalização.

Para testar essa hipótese, trabalhamos com 500 redações de vestibular da Fuvest (anos 2007 a 2011, 100 redações de cada ano), avaliadas como as melhores (MRs) pela banca corretora. Após a leitura, houve a separação das redações em que havia algum tipo de operador argumentativo para marcar a porção final do texto, a porção destinada à conclusão textual.<sup>4</sup> Esses indiciadores de conclusão textual foram classificados em quatro valores básicos previamente identificados em um estudo-piloto: fecho de raciocínio lógico, retomada, finalização e sinalização (DEFENDI, 2013).

Nomeamos como “fecho de raciocínio lógico” a estratégia na qual o escrevente finaliza o texto ao mesmo tempo em que finaliza um raciocínio apresentado, ou seja, ele oferece elementos no decorrer do texto que sinalizam para uma conclusão lógica e esperada. Há um maior uso desse tipo de estratégia nas MRs, 42,3%, conforme dados que apresentamos na sequência deste artigo.

A estratégia de “retomada” é aquela em que o escrevente “aponta para referências anteriores”, isto é, há um movimento de retroação no texto que funciona para reforçar uma ideia ou encadeá-la a uma conclusão. Tem um efeito anafórico e, ao mesmo tempo, dedutivo, já que se parte do anterior para se chegar a uma conclusão: tal que X [tudo que foi dito] é = Y [a conclusão do autor]. Essa estratégia foi utilizada em 23,5% dos textos e pode ser apresentada mais comumente com um anafórico ou de forma mais lexicalizada.

O rótulo “finalização” é empregado como identificador da estratégia que sinaliza formalmente o término do texto, o seu fim, ou o seu resumo (marcados por *no fim*, *por fim*, *enfim*, *em suma*, *em resumo*). Há um anúncio de que a porção que se segue é a última que será apresentada e nela pode aparecer o argumento que finalizará o raciocínio argumentativo empreendido. Em 12,9% das MRs, identifica-se o emprego dessa estratégia.

Foi chamado de “sinalização” o emprego de uma construção conclusiva que aparece esvaziada de seu conteúdo semântico. Parece que sua presença serve para preencher um espaço que se imagina como necessário para concluir um texto dissertativo-argumentativo, o que ocorre com 8,1% dos melhores textos.

Com todo o levantamento realizado, podem-se estabelecer quais construções foram mais recorrentemente usadas para marcar a conclusão textual: *portanto*, *assim* e *dessa maneira*, *dessa forma* e correlatos. Como o *portanto* apresentou o dobro de ocorrências do que o segundo mais frequente, foi realizada uma pesquisa sobre o percurso histórico dessa construção, buscando responder se e como a frequência de uso poderia afetá-la. Também se levou em consideração que os marcadores de conclusão mais frequentemente empregados poderiam ter desenvolvido funções mais abstratas se comparados aos marcadores menos usuais.

---

<sup>4</sup> Consideramos “final do texto” o(s) último(s) parágrafo(s) do texto dissertativo-argumentativo, em que se produz uma coerência estrutural, pela “amarração” de ideias, da tese à conclusão.

## Análise das construções com valor conclusivo

Nesta seção, procederemos à análise de excertos de redações que fazem uso de construções conclusivas em seu parágrafo final. Dessa forma, apresentamos o trecho e analisamos o tipo de conclusão empregada.

**Portanto**, a força e os rumos que a América Latina vem mostrando ao mundo, sob a forma do seu fortalecimento a nível regional e global e engajada luta pela melhoria dos índices sociais, são o exemplo moderno da primazia de valores de compromisso plural e consciente com a coletividade. A supremacia de valores altruístas e focados no desenvolvimento socioeconômico sustentável são a prova contemporânea de superação e evolução destas nações.<sup>5</sup> (M2011003)

Usando a construção *portanto*, o vestibulando finaliza o raciocínio construído pela ideia de que os países latino-americanos estão se comprometendo com a democracia e realizando ações que superam o passado e miram o altruísmo de longo prazo. O *portanto*, em início de parágrafo final, marca a conclusão textual de forma “indutiva”; criaram-se condições ao longo do texto para se chegar à seguinte conclusão: a América Latina é o exemplo de “valores de compromisso plural e consciente com a coletividade”, de “valores altruístas”.

- (1) **Dessa forma**, o ser humano, embora caracterize-se pelas inúmeras conquistas, sempre se deparará com fronteiras a serem transpostas, já que trata-se de um fenômeno cíclico que, uma vez iniciado, nunca terá um fim. A cada nova barreira, tanto geográfica quanto científica ou intelectual, determinará novas barreiras, contribuindo para a evolução humana ao longo dos tempos. (M2009051)

Em (2), a construção *dessa forma* permite retomar a argumentação expressa ao longo do texto e sinaliza o encadeamento da conclusão “o ser humano ... sempre se deparará com fronteiras”, o que acaba contribuindo para a evolução humana, na visão do vestibulando, uma vez que esses obstáculos devem ser suplantados.

- (2) Chega-se ao ponto em que, **de acordo com o que foi dito**, as diferenças entre os povos não depende exclusivamente de limites administrativos e o fim destes não acaba necessariamente com as disparidades culturais e sociais. Muitas fronteiras nacionais podem deixar de existir, porém isso não é a variável mais importante. (M2009032)

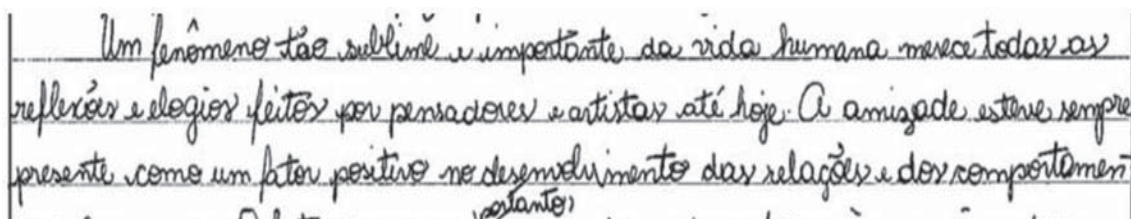
Já em (3), o vestibulando emprega a construção *de acordo com o que foi dito*, justamente para reforçar o elo entre o já expresso e a conclusão a ser anunciada de que, mesmo sem fronteiras físicas, haverá disparidades sociais e culturais. Essa oração – *de acordo com o que foi dito* – poderia ser parafraseada por *dessa forma* e também compartilha valor dedutivo e anafórico. Ou seja, tanto em (2) quanto em (3), há a opção do vestibulando em concluir o texto com uma marca de retomada textual, podendo ser uma construção mais gramaticalizada ou um enunciado maior, lexicalizado. É importante ressaltar que esses marcadores não são apenas anafóricos, são também de ratificação, de consonância, de ressonância, tudo o que se espera de um discurso coerente. Do ponto de vista da sintaxe, eles evitam que informações já ditas sejam repetidas. Do ponto de vista cognitivo, eles dão o comando para que o leitor recupere de sua memória o que já é compartilhado socialmente (ou que ele pressupõe como tal), ainda que episodicamente, porque foi recentemente elaborado pelo escrevente.

---

<sup>5</sup> Os excertos foram transcritos literalmente.

- (3) **Enfim**, há o lado bom, há o lado ruim... mas há sempre a possibilidade de opção, pois somos nós os seres dotados de razão e emoção nessa relação. A responsabilidade sobre o que vai em cada uma de nossas malas é nossa – e só nossa! Devemos nos esforçar para acomodar dentro delas o que realmente nos importa, o que foi criteriosamente selecionado por nossas mentes e almas. Que estejamos livres de valorizar um lixo que reluz... e pesa! (M2008022)

Em (4), o vestibulando inicia o texto com “Não basta acumular malas, valises e sacolas se nada há de útil para carregar. Não basta arrebanhar informações superficiais se nada há de conteúdo para aproveitar”, apresentando em seguida a tese de que o físico suporta mais peso do que a força do intelecto ao separar as notícias veiculadas pelo mundo digital. Após discorrer sobre esse mundo e sua importância, sintetiza, no último parágrafo, a ideia de que tudo permite, ao menos, duas abordagens possíveis (“*Enfim*, há o lado bom, há o lado ruim”), mas reforça que cabe ao homem escolher o peso que carregará na mala. Com essa estratégia de marcar o final do texto com a construção *enfim*, também “amarra” a porção final do texto ao seu início, garantindo a coerência textual. Essa estratégia de estrutura circular (início e final que se reforçam) é comum a uma parte das redações analisadas. Além de ser um termo bastante icônico: indica, em sua semântica, a finalização de um estado de coisas ou de uma proposição.



- (4) Um fenômeno tão sublime e importante da vida humana merece todas as reflexões e elogios feitos por pensadores e artistas até hoje. A amizade esteve sempre presente como um fator positivo no desenvolvimento das relações e dos comportamentos humanos. O futuro reserva, **portanto**, uma vida duradoura à amizade. (M2007084)

Em (5), evidencia-se que o vestibulando poderia prescindir do conectivo para a elaboração de seu parágrafo final. Mesmo assim, ele escolhe utilizá-lo, sobrepondo e encaixando a construção *portanto* sob pena de “rasurar” um texto que é avaliativo e, mais do que isso, com potencial de determinante para sua entrada na universidade. Se ele não o julgasse tão necessário para a finalização de seu texto, poderia ter optado por não realizar essa ação.

- (5) A abundância de informações no “mundo digital” contemporâneo permite conhecer todo o tipo de dados e notícias, tornando os meios de comunicação quase “oniscientes”, como o “Big Brother” de Orwell. Nem todo o conteúdo, no entanto, contribui para a cultura e a informatividade. Enquanto boas iniciativas disponibilizam ao público dados históricos e estudos sobre a cultura mundial, outras divulgam dados imprecisos e parciais. Torna-se cada vez mais necessária, **portanto**, a capacidade de distinguir o que informa a população do que a desinforma. (M2008038)

O mesmo sucede em (6), em que a construção *portanto* é mobilizada pelo escrevente, em porção final de texto, evidenciando seu caráter de marca conclusiva. No parágrafo final, o vestibulando evidencia novamente o tema proposto (a postura que se deve assumir perante o mundo digital) e reforça, como conclusão, a necessidade de distinguir informação de desinformação. Isto é, a mesma estratégia apresentada em (4) é utilizada aqui: uma informação final e conclusiva, reforçada pelo uso do marcador *portanto*. Ainda

em (6), a conclusão textual não estaria comprometida se o vestibulando tivesse optado por não usar o marcador. A opção pelo uso do *portanto* pode revelar esse caráter de “sinalizador” de conclusão textual.

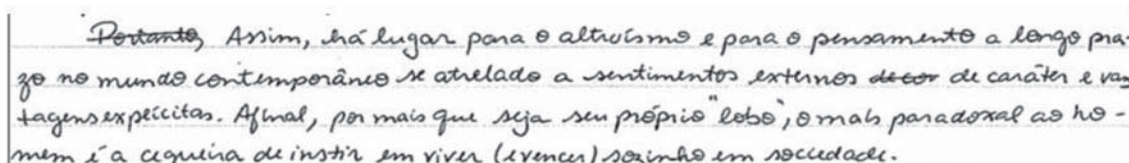
Confirmando a expectativa de elaboração de um texto dissertativo-argumentativo, os dados da Tabela 1 abaixo permitem verificar que os vestibulandos fizeram emprego mais frequente (42,3%) de conclusões textuais que fecham o raciocínio lógico, que levam o leitor a concluir indutiva ou dedutivamente a linha de raciocínio empreendida no texto. A segunda mais frequente estratégia foi a de retomada textual (23,5%), que permite dar coerência temática ao texto. As estratégias de marcar o final do texto (12,9%) e a de sinalizar a conclusão com o uso de um marcador conclusivo (8,1%) foram as menos frequentemente selecionadas como estratégias para finalização de texto pelas MRs.

**Tabela 1.** Estratégias de conclusão textual com marca – MRs (porcentagem)

Ano	RAC. LÓGICO	RETOMADA	FINALIZAÇÃO	SINALIZAÇÃO
2007	48,3%	10,3%	1,7%	1,7%
2008	22,7%	13,6%	16,7%	6%
2009	13,4%	17,9%	4,4%	13,4%
2010	32,1%	21,4%	8,9%	0%
2011	36,7%	20,4%	14,3%	6,1%
<b>TOTAL</b>	<b>42,3%</b>	<b>23,5%</b>	<b>12,9%</b>	<b>8,1%</b>

É importante frisar que, enquanto no raciocínio lógico há a condução da atenção do outro para o resultado esperado, na retomada, há a sinalização para que o outro lance mão de informações de sua memória mais recente (episódica). As duas estratégias são cognitivamente fortes e são marcadas intersubjetivamente com operadores.

É importante destacarmos que a porção final do texto, em que ocorre a conclusão textual, parece marcada pela necessidade de intersubjetividade e subjetividade, ou seja, marcação discursivo-pragmática dependente de cognição (memória e compartilhamento, por exemplo, no primeiro caso) e inferência e lógica (no segundo). De acordo com Traugott (2010), subjetivação é o desenvolvimento de significados que expressam a atitude do falante ou o ponto de vista, enquanto intersubjetivação é o desenvolvimento de atenção do orador à autoimagem do destinatário. No caso do texto escrito, dissertativo e, mais especificamente, no caso da conclusão textual desse tipo de texto, percebe-se que a subjetivação pode estar ligada à noção de autoria, em que o autor marca presença com suas reflexões particulares a respeito do tema proposto e a intersubjetivação é a sinalização das ações feitas pelo autor para demonstrar a finalização do texto para o destinatário.



Portanto, Assim, há lugar para o altruísmo e para o pensamento a longo prazo no mundo contemporâneo se atrelado a sentimentos externos de caráter e vantagens explícitas. Afinal, por mais que seja seu próprio "lobo", o mais paradoxal ao homem é a cegueira de insistir em viver (evencos) sozinho em sociedade.

- (6) **Portanto, Assim**, há lugar para o altruísmo e para o pensamento a longo prazo no mundo contemporâneo se atrelado a sentimentos externos de caráter e vantagens explícitas. Afinal,

por mais que seja seu próprio “lobo”, o mais paradoxal ao homem é a cegueira de instir em viver (e vencer) sozinho em sociedade. (M2011055)

Em (7), o vestibulando prefere substituir o conectivo *portanto*, grafado em primeiro momento, pelo conectivo *assim*. Parece que, novamente, sob pena da rasura, é feita uma escolha provavelmente em nome de uma maior expressividade ou de evitar o lugar-comum, o corriqueiro. Dada a alta frequência de *portanto*, pode-se conjecturar que o item *assim* soasse uma opção mais interessante ao vestibulando. Ou seja, supõe-se que a escolha tenha sido evitar a construção *portanto*, que talvez não demonstre o requinte almejado pelo escrevente. Porém, são suposições que não podem ser comprovadas. Em todo o caso, o item *assim* funciona para demonstrar que o texto está sendo concluído – tem caráter intersubjetivo, e o uso de *afinal* demonstra o conhecimento do vestibulando para além da proposta da redação, uma percepção pessoal, marcando subjetivamente o índice de autoria.

### As construções mais frequentes e o *portanto* – marcador típico de conclusão textual

Cumpra agora analisarmos a construção mais frequentemente usada na conclusão textual. Vejamos as ocorrências:

**Tabela 2.** Construções usadas na conclusão textual das MRs – Fuvest

Elemento de conclusão textual	Ocorrências	Rac. lógico	Retomada	Finalização	Sinalização
Portanto	69	50			19
Assim	31	20	10		1
Dessa maneira, dessa forma e correlatos <sup>6</sup>	26		26		
Verbo CONCLUIR, nome CONCLUSÃO	21	18		1	2
Enfim, em última análise, por fim	10			10	
Em resumo, em suma	12			12	
Logo	6	6			
Por isso	4		4		
Então	5	5			
Diante disso e correlatos <sup>7</sup>	3		3		
Pois	3	3			
Assim sendo	3		3		
A partir disso e correlatos <sup>8</sup>	3		3		

<sup>6</sup> Dessa forma, desta forma, dessa maneira, desta maneira, desse modo, de tal forma.

<sup>7</sup> Diante disso, diante de tal quadro, diante de tudo isso.

<sup>8</sup> A partir do que foi apresentado, a partir disso, a partir do exposto.



Dos marcadores conclusivos selecionados pelos candidatos em seus textos (Tabela 2), a construção *portanto* foi a mais empregada, com 69 ocorrências (sozinho ou em combinação com outras construções) e, por isso, será analisada mais detidamente nesta seção.

A construção *portanto* comporta-se principalmente como marcador de fecho de raciocínio lógico, mas também aparece nos casos em que, mais do que conduzir a um final de raciocínio, funciona como um sinal imprescindível de marca de final de interação. Em seguida, a construção *assim* também é bastante empregada (com 31 ocorrências) como marca de conclusão textual, tendo seu uso oscilado entre fecho de raciocínio lógico e retomada, o que demonstra sua trajetória histórica diversa e o que provavelmente já se sinalize na construção original *ad s̄ic*.<sup>9</sup> Outros marcadores de retomada textual (tais como *dessa forma*, *dessa maneira*, *desse modo*) vêm a seguir com 26 ocorrências e as estratégias de conclusão com o uso lexical *concluir/conclusão* aparecem em 21 redações. A estratégia de finalização, quer seja com uma construção com o item lexical *fim*, quer seja com um caráter resumitivo, aparece em 22 ocorrências.

Como a construção *portanto* foi a mais frequentemente empregada para a conclusão textual,<sup>10</sup> foi considerada como o marcador típico de conclusão. Etimologicamente, *portanto* tem a seguinte formação: *por* (preposição) e *tanto* (advérbio ou adjetivo – noção de quantidade), que traz como traços semânticos a noção de quantidade. Essa ideia, pressupostamente pretérita da expressão *por tanta quantidade*, pode ser, metaforicamente, usada com valor anafórico, ou seja, uma retroação à porção do texto já expressa. Assim, em um texto, principalmente argumentativo, *portanto* passa a ser usado como marcador de conclusão textual, o que lhe garante sinalizar a intenção de que o leitor tanto recue no texto para resgatar alguma informação (movimento anafórico) quanto sinalize o final de um raciocínio lógico que foi apresentado no texto.

Nos dicionários de Língua Portuguesa,<sup>11</sup> *portanto* é categorizado como conjunção, à exceção de Séguier (1910), que o categoriza como advérbio. Quanto ao valor semântico, contudo, nota-se a convergência de um dos sentidos: em todos os dicionários pesquisados, esse item é associado ao valor de “por conseguinte / por consequência”. Houaiss e Villar (2001), por sua vez, são os únicos que particularizam, afirmando que *portanto* é uma conjunção conclusiva que introduz uma oração coordenada. O traço etimológico de quantidade, mais básico, denuncia a foricidade como traço mais básico dessa expressão, por razões semântico-sintáticas (pondo em correlação dois lugares, ou duas direções de apoio referencial: o de retomada e o de encaminhamento seguinte), por razões textuais (combinando as relações de redundância com as relações lógicas), ou seja, o que já foi dito com o que se vai dizer; e por relações discursivo-pragmáticas (inferir sobre o que

<sup>9</sup> Assim (HOUAISS; VILLAR, 2001): “lat. ad (prep.) ‘direção, movimento, aproximação etc.’ + s̄ic (adv.) ‘assim, deste modo’, através da f. arcaica assi; f.1192 adsi adv., 1273 assj como, sXIII asi, sXIII asse, sXIII ssi, sXV assim adv. e conj.” Pela etimologia, pode-se perceber em *assim* traços de retomada de fecho de raciocínio lógico: movimento em direção ao modo apresentado; do modo dito antes; pelo dito chega-se à conclusão que. Essas ideias subjacentes ao item levam à retroação no texto e ao avanço na ideia consequencial e conclusiva.

<sup>10</sup> A frequência não se restringe às melhores redações. Em Defendi (2013), foram analisadas também 500 redações consideradas as piores pela banca, bem como uma amostra de controle formada por 188 redações escolares. Nas piores redações, houve 38,6% de ocorrência do *portanto* sendo usado no parágrafo conclusivo e nas redações escolares houve uma frequência de 18,7%.

<sup>11</sup> Bluteau ([1720] 2002), Freire (1957), Aulete (1958), Ferreira (1999) e Houaiss e Villar (2001).

é informação compartilhada e sobre sua intenção no final do texto), isto é, um exercício subjetivo combinado a um exercício intersubjetivo no texto dissertativo.

Não sendo possível rastrear usos em redações escolares antigas, houve a opção pelo material disponibilizado no *corpus* do português organizado por Davies e Ferreira (2006)<sup>12</sup> e percebeu-se que as funções de intensificador, de anafórico e de conclusivo foram mais recorrentes. No século XX, atentando somente para a grafia *portanto*, aparecem as noções de consequencial, anafórico-conclusivo e conclusivo. A ambiguidade apresentada pela noção do anafórico permite, uma vez mais, atestar a hipótese de conversão no valor conclusivo via metáfora. Metaforicamente, as ideias “por tanta quantidade”, “por tanto que foi dito”, ligadas à retroação textual passam a expressar também noções consequencial e conclusiva.

Dessa forma, a construção *portanto* passa por uma transferência metafórica de conjunção para marcador, bem como uma mudança metonímica de advérbio para marcador textual, sendo que isso ocorre no texto dissertativo. Justamente por esse comportamento com padrões funcionais distintos, a construção *portanto* encontra-se em graus variados de gramaticalização, dependendo do uso que for analisado, mas todos eles têm um comportamento mais gramatical.

É possível afirmar que haja uma provável motivação para a criação da função conclusiva em um texto dissertativo. Semelhante a uma conversação pessoal, na interação escrita, é preciso sinalizar as ações de forma polida e colaborativa. A construção aqui analisada revela este percurso: de um processo interno (marcar expressivamente o final de um texto dissertativo) e de um externo (interação com o leitor), foi usada uma “forma velha” (advérbio) e uma “informação conhecida” (anafórico) e, no comportamento social aluno-professor, na redação escolar, foram concebidas novas funções, a de marcador de conclusão textual.

## Considerações finais

Temos defendido, a partir dos resultados encontrados em Defendi (2013), que algumas formas variadas (advérbios, verbos) foram recategorizadas como marcadores de conclusão. Dada a frequência de uso, é possível exemplificar esses casos com *portanto*, *assim*, *dessa forma*, *conclui-se que*. Destes, *portanto* e *dessa forma* seriam os que mais se encaixam na descrição de *chunk*, embora *assim* e *conclui-se que* sejam também bem formulaicos. Ocorre que não são mais vistos como item a item, mas como um bloco composicional. A soma das partes não garante o sentido-função alcançado com a mudança, daí a perda de analisabilidade. Houve, ainda, um apagamento e/ou reanálise de noções. *Por+tanto* tem a ideia de quantidade apagada e passa a assumir uma ideia conclusiva. *Assim* (*ad+sic*) tem a noção de retomada reanalisada para conclusão. Além disso, o que pode ajudar a explicar a configuração de uma expressão formulaica (*chunk*) de um marcador de final de texto/raciocínio é, dentre outros fatores, a posição dessa construção na geografia textual: localiza-se no final do texto como um índice icônico do tipo: este é o fim da minha exposição. É, também, o reflexo de um processo cognitivo de compreensão da linearidade temporal das coisas ou, na perspectiva de Lakoff e Johnson (2002), uma metáfora conceptual (TEXTO É PERCURSO: a partir de um caminho percorrido, inicia-

<sup>12</sup> Esse *corpus* foi utilizado para referendação diacrônica que visou ao estabelecimento das possíveis rotas derivacionais para se chegar à construção *portanto* na função de marcador conclusivo textual.

do pela apresentação do assunto e do seu ponto de vista (tese), seguem-se argumentos que reforçam a tese e chega-se a uma conclusão como resultado do percurso / final desse caminho).

O que dizer da amostra investigada? Não há dúvida de que a escolha de redações dissertativas para a finalidade de seleção vestibular permite aprofundar o entendimento tanto da dimensão comunicativa (e toda manipulação feita pelo vestibulando para convencer a banca de seu potencial como bom redator) quanto da dimensão cognitiva (em que o vestibulando manifesta-se com o interlocutor, de acordo com sua percepção do que é o exame de vestibular). Articular essas duas dimensões mostra-se relevante para um bom desempenho em termos de nota atribuída pela banca examinadora.

Considerou-se, também, que a intersubjetividade se manifesta nas conclusões textuais, por meio das marcas para demonstrar ao outro, leitor, que o texto está sendo finalizado e é preciso atenção para esse momento. Já a subjetividade é a demonstração de domínio de conteúdo, de posicionamento do autor e de reais contribuições para a reflexão sobre o tema. Ou seja, é a manifestação da maturidade intelectual e do índice de autoria. Não é uma subjetividade marcada pelo uso da 1ª pessoa ou pela carga subjetiva, mas um posicionamento crítico e reais contribuições a serem dadas a respeito do tema apresentado, no caso, pela proposta do vestibular.

Por fim, a porção textual dedicada à conclusão é propícia para marcar a interação escritor-leitor (vestibulando-banca corretora) e para isso é comum o uso tanto de marcas para compartilhar a atenção para o final do texto, fecho do raciocínio, quanto para expressar a atitude e o conhecimento do *eu* que se expressa no texto e, com isso, a noção de autoria que é tão valorizada pelos professores de redação e pela banca corretora. É lógico que essa noção não se manifesta somente na porção final do texto, e sim no texto integralmente, mas é inegável que há uma retomada de posicionamento na conclusão textual com a consumação da coerência textual.

## REFERÊNCIAS

- AULETE, C. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1958.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BLUTEAU, R. *Vocabulário português e latino*. Lisboa: Pascoal da Silva; Germany: Georg Olms Verlag, 2002 [1720].
- BYBEE, J. *Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency*. 2003. Disponível em <<http://www.unm.edu/~jbybee/mechofchng.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2012.
- \_\_\_\_\_. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação - INEP. A redação no Enem 2013 – Guia do participante. Brasília-DF, 2013. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/guia\\_participante/2013/guia\\_de\\_redacao\\_enem\\_2013.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2013/guia_de_redacao_enem_2013.pdf)>. Acesso em: 08 dez. 2015.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. 2006. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso em: 7 ago. 2012.
- DEFENDI, C. L. *“Portanto, conclui-se que”*: processos de conclusão em textos argumentativos. 2013. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e

- Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-06052013-104720/>>. Acesso em: 01 jul. 2014.
- DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as construction. *Constructions* SV1-9/2006. Disponível em: <<http://elanguage.net/journals/constructions/article/view/24>> Acesso em: 14 abr. 2011.
- FÁVERO, L. L.; KOCH, I. V. *Linguística textual: uma introdução*. São Paulo: Cortez, 1998.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FIORIN, J. L. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006, p. 60-76.
- FREIRE, L. *Grande e novíssimo dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. v. IV.
- HALLIDAY, M. A. K. As bases funcionais da linguagem. In: DASCAL, M. (Org.). *Fundamentos metodológicos da Linguística*. São Paulo: Global, 1973. p. 125-161. v. 1.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KOCH, I. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.
- MARCUSCHI, L. A. *Linguística de texto: o que é e como se faz?* Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.
- SÉGUIER, J. *Novo dicionário enciclopédico luso-brasileiro*. Rio de Janeiro: [1910?].
- TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- TRAUGOTT, E. C. Revisiting subjectification and intersubjectification. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (Ed). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010. p. 29-70. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/~traugott/resources/TraugottDavidseIntersbfn.pdf>> Acesso em: 9 jul. 2012.
- TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.